

## Exercícios: O Modernismo em Portugal (Parte 2)

1. (UNIFESP) Leia o poema “Prece”, de Fernando Pessoa

Senhor, a noite veio e a alma é vil.  
Tanta foi a tormenta e a vontade!  
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,  
O mar universal e a saudade.

Mas a chama, que a vida em nós criou,  
Se ainda há vida ainda não é finda.  
O frio morto em cinzas a ocultou:  
A mão do vento pode erguê-la ainda.

Dá o sopro, a aragem – ou desgraça ou ânsia –,  
Com que a chama do esforço se remoça,  
E outra vez conquistaremos a Distância –  
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

*(Fernando Pessoa. Mensagem, 1995.)*

Extraído do livro Mensagem, o poema pode ser considerado nacionalista, na medida em que o eu lírico:

- Apresenta Portugal como uma nação decadente, que não faz jus ao seu passado de heroísmo e glórias.
- Inspira-se no passado de heroísmo do povo português que, no presente, já não acredita na sua história.
- Busca reviver o sonho de uma nação grandiosa, cantando um Portugal almejado por seus feitos gloriosos.
- Reconhece o desejo de o povo português glorificar seus heróis, o que não foi possível até o seu presente.
- Descreve o Portugal de seu tempo como uma nação gloriosa e marcada por histórias de heroísmo.

2. (ESPM)

Poema em Linha Reta

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.  
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.  
E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas  
vezes vil,  
Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,  
Indesculpavelmente sujo,  
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para  
tomar banho,  
Eu que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,  
Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes

das etiquetas,  
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e  
arrogante,  
Que tenho sofrido enxovalhos e calado,  
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo  
ainda;  
Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,  
Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de  
fretes,  
Eu que tenho feito vergonhas financeiras, pedido  
emprestado sem pagar,  
Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho  
agachado,  
Para fora da possibilidade do soco;  
Eu que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas  
ridículas,  
Eu que verifico que não tenho par nisto neste mundo.  
Toda a gente que eu conheço e que fala comigo,  
Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu um enxovalho,  
Nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na  
vida...  
(...)

*in: Poemas, Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa*

Assinale a alternativa que não condiz:

- Poema desabafo em que o “eu” poético alude ironicamente ao fato de que só ele confessa seus “delitos”.
- Há uma oposição inicial entre o poeta, associando a qualidades negativas, e os campeões, associados a virtudes.
- A metáfora do “soco” é uma referência à própria falta de coragem, à própria covardia.
- Depreende-se do poema que o que vigora na sociedade é a hipocrisia, e que o “eu” poético é julgado e marginalizado em função disso.
- Devido a sua “sujeira”, o “eu” poético se sente um plebeu ante o caráter principesco dos outros.

No poema abaixo, Alberto Caeiro compara o trabalho do poeta com o do carpinteiro:

XXXVI

E há poetas que são artistas  
E trabalham nos seus versos  
Como um carpinteiro nas tábuas! ...  
Que triste não saber florir!  
Ter que pôr verso sobre verso, como quem constrói um  
muro  
E ver se está bem, e tirar se não está! ...  
Quando a única casa artística é a Terra toda

Que varia e está sempre bem e é sempre a mesma.  
Penso nisto, não como quem pensa, mas como  
quem respira,  
E olho para as flores e sorrio...  
Não sei se elas me compreendem  
Nem se eu as compreendo a elas,  
Mas sei que a verdade está nelas e em mim  
E na nossa comum divindade  
De nos deixarmos ir e viver pela Terra  
E levar ao colo pelas Estações contentes  
E deixar que o vento cante para adormecermos  
E não termos sonhos no nosso sono.

*(Poemas completos de Alberto Caeiro, em Fernando Pessoa. Obra poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983, p. 156.)*

3. (UNICAMP) Por que tal comparação é feita? Por que ela é rejeitada pelo eu lírico na segunda estrofe do poema?

4. (UNICAMP) Identifique duas características próprias da visão de mundo de Alberto Caeiro presentes na terceira estrofe.